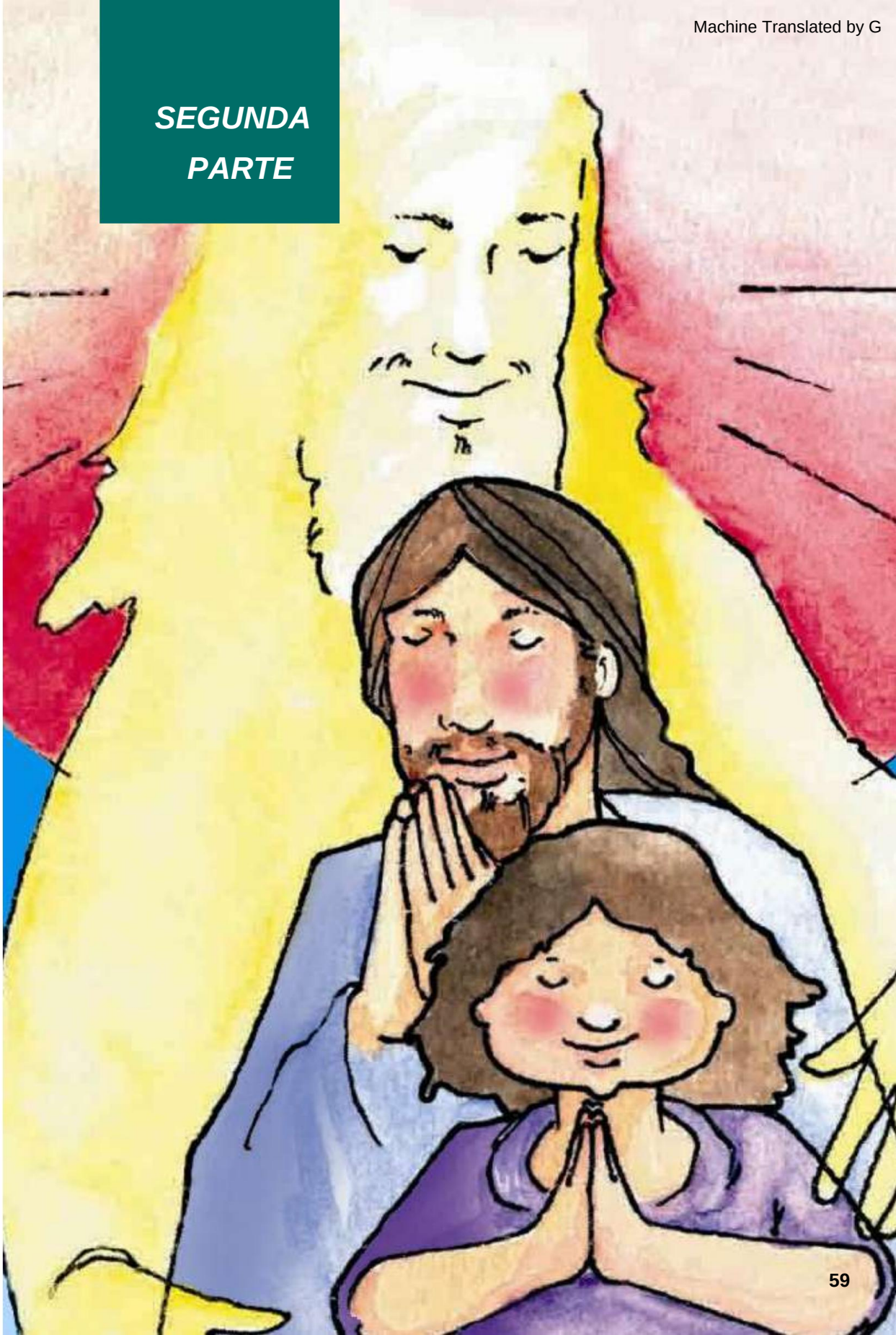
Machine Translated by G

SEGUNDA PARTE



Contente

Parte Um: ESTUDO DO EVANGELHO DE MARCOS

Tópico 1: O Contexto do Evangelho de Marcos 7
1. O Império Romano 7
2. Roma, a Capital do Império 8
3. História da Comunidade Cristã em Roma 8
4. A Situação das Comunidades na Época da Escrita do Livro 11

Tópico 2: Informações Gerais e Estrutura da Obra 19
1. O Estilo Proposto por Marcos 19
2. Divisão da Obra 20
3. Generalidades da Obra 24
4. Jesus no Evangelho de Marcos 27

Tópico 3: Leitura Continuada das Obras de Marcos 32
1. Visão geral 33

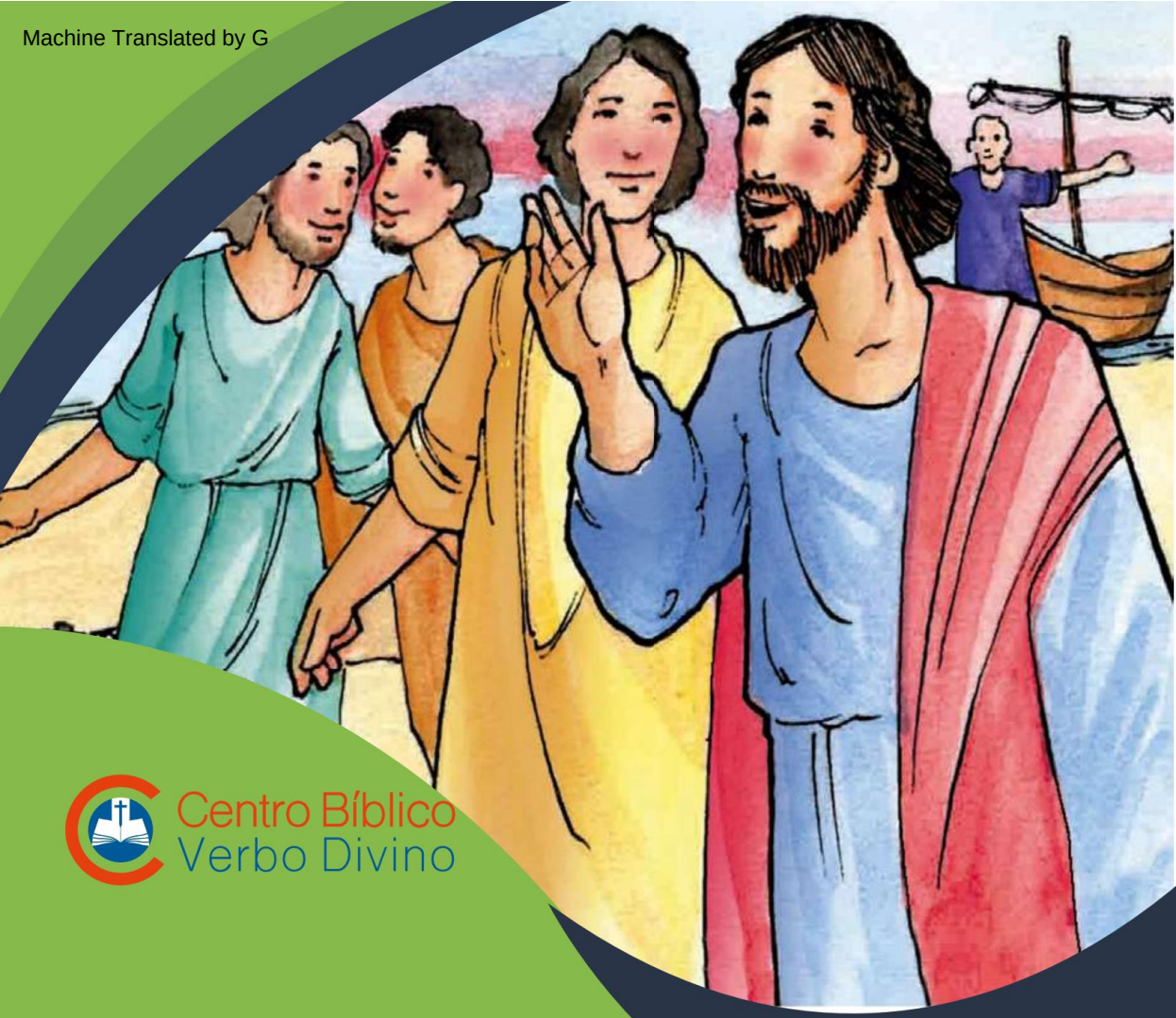
Tópico 4: Temas Centrais do Evangelho de Marcos 42
1. As Boas Novas 42
2. O Reino de Deus 43
3. Jesus Cristo, Filho de Deus - 44

Atividades de Avaliação 50
Respostas às Atividades de Avaliação **51**

Parte Dois: LECTIO DIVINA COM O EVANGELHO DE MARCOS

Tema 1: Quem é Jesus ontem e hoje? 61
Tema 2: A casa de Jesus, nossa casa. 65
Tema 3: O Evangelho é para todos. 69
Tema 4: Cultivando a solidariedade em um mundo frio. 73
Tema 5: Reunidos à mesa, somos família 77
Tema 6: Jesus ressuscitou e permanece conosco 82

Machine Translated by G



Centro Bíblico Verbo Divino

ESTUDO EM ORAÇÃO

DO EVANGELHO DE MARCOS

"Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Marcos 8:34).

Mês da Bíblia 9

LECTIO DIVINA COM O EVANGELHO DE MARCOS

A Lectio Divina é uma prática antiga da Igreja, uma forma de ter um encontro com Deus através das Sagradas Escrituras.
Existem vários métodos, mas neste Mês Bíblico usaremos uma Lectio em cinco etapas.

Leia: O que o texto diz? Este é o nível mais básico, onde nos perguntamos: O quê?

Medite: O que Deus está me dizendo neste texto? Veja se há algo que Deus quer me revelar nesta passagem. Quase sempre pode estar relacionado a uma experiência pessoal.

Ore: O que eu quero dizer a Deus? Depois de meditar sobre o texto, podemos sentir medo do que o Senhor nos pede para fazer (defender alguém que está sendo abusado), mas também podemos sentir confiança no amor de Deus. Levamos tudo isso à oração para dizer ao Senhor como nós sentimos.

Contemplar e saborear: olhar para a vida com novos olhos; perceber um detalhe, um gesto, um momento em que sentimos que Deus está falando conosco. É uma forma de "saborear" o texto.

Compromisso pastoral: O que eu faço como resultado da oração? A oração nos impulsiona à ação, e isso significa sermos mais compassivos e fiéis ao Reino de Deus.

Deus tem muitas maneiras de agir e se comunicar conosco. A Lectio Divina é uma delas. É a voz de Deus chegando até nós. Estejamos atentos para ouvir o Senhor que se revela a nós a cada dia!

Tema 1

Quem é Jesus ontem e hoje?

Introdução



A ciência e a tecnologia estão avançando em todo o mundo. Mas, ao mesmo tempo, o planeta está se deteriorando cada vez mais: pobreza, fome, violência, pandemias, desastres naturais, poluição… Uma forma de pensar está se tornando cada vez mais comum: “a vida é assim, e não há nada que possamos fazer… vamos aproveitar o que temos. Se tivermos que enganar, que enganemos; se tivermos que manipular, que manipulemos.”

Certamente, muitos cristãos encaram o futuro com preocupação, mas não vamos além do lamento, sem nos comprometermos radicalmente com a conversão pessoal e social.

As comunidades cristãs do primeiro século vivenciaram situações semelhantes às nossas e se fizeram as mesmas perguntas. Marcos, ao escrever seu Evangelho, quis ajudá-las a tomar uma posição sobre a vida. E ele faz isso apresentando Jesus (1:9-11).
Vamos ler a apresentação dele e depois vamos nos aproximar da pessoa de Jesus.



1. Leitura: Marcos 1:9-11

> Naqueles dias, Jesus veio de Nazaré, cidade da Galileia, e foi batizado por João no rio Jordão. Assim que saiu da água, viu os céus abertos e o Espírito descendo sobre ele como uma pomba, e ouviu uma voz dos céus: "Tu és o meu Filho amado; em ti me comprazo".

Explique com suas próprias palavras o que você entendeu do texto.

Por que Jesus foi batizado? O que ele quer nos dizer sobre si mesmo?

Uma pista para melhor compreender o texto…

Marcos, após apresentar o perfil de João Batista (1:2-6), explica o conteúdo da pregação de Jesus (1:7-8) e seu subsequente batismo no rio Jordão, com a revelação de sua filiação divina (1:9-11). Ali, Jesus é apresentado como o Messias há muito esperado; ele não é um discípulo de João, nem vem para substituí-lo em seu ministério. Jesus é o Filho de Deus, aquele que traz a plena revelação da vontade do Pai.

A autoridade de Jesus reside na natureza do seu batismo: com água, para expressar a pureza exterior, e com o Espírito, para falar da sua consagração interior. A teofania ocorre quando Jesus emerge da água, evocando a sua ressurreição. A revelação de Deus é contemplada apenas por Jesus, o destinatário da declaração divina: “Tu és o meu Filho amado, o meu Escolhido”.

O céu aberto nos lembra de momentos de intenso confronto entre Deus e a humanidade. O céu se abre no dilúvio; fecha-se para castigar a terra com a seca na época de Elias; abre-se para revelar o trono de Deus. Marcos usa o mesmo verbo empregado para descrever a abertura do Mar Vermelho (Êxodo 14:21) e o rasgar do véu do templo (Marcos 15:38).

O Espírito desce mais uma vez, assim como desceu para preencher os profetas.
Ele faz isso na forma de uma pomba, uma lembrança do dilúvio, onde a pomba era um sinal da vida restaurada por Deus. Observe que Marcos usa a expressão “o Espírito desceu sobre ele”, e não “em direção a ele”, como sugerem outras traduções. A primeira se refere a um ato específico de possessão: Deus Pai habita plenamente em Jesus de Nazaré.



2. Meditação pessoal

“Eu também sou amado.” Se penso no Espírito habitando no Filho, percebo que Jesus é o Cristo, não para acumular o Espírito, mas para levar a criação à sua plenitude. O Espírito repousa sobre Ele, como antes sobre as águas (Gênesis 1:2), e assim como o mal foi destruído no dilúvio (Gênesis 8:8-12), em Seu batismo a destruição do mal é proclamada através da morte e ressurreição do Filho.

Descubro que a ação do Espírito Santo coloca toda a criação nas mãos do Filho. Coloca-me também nas mãos dEle. Ele me lembra que é o primogênito da criação (Colossenses 1:15) e nosso irmão (Romanos 8:29). O dom do Espírito em Jesus o batiza e nos batiza, dando-nos o dom de sermos cristãos, chamados a continuar a missão do Reino de Deus.

Relendo o texto, descobri que a identidade de Jesus é sagrada: “Tu és meu Filho”. Essa identidade desafia a minha própria fé: “Quem vocês dizem que eu sou?” (Marcos 8:27-28); é um convite a declarar com convicção e compromisso radical: “Verdadeiramente, ele é o Filho de Deus” (Marcos 15:39). Assim, se a identidade de Jesus provém de seu relacionamento com o Pai, a minha compreensão dele se dá por meio do meu relacionamento com o Filho e do meu “sim” radical a compartilhar essa mensagem com o mundo inteiro.

Deus coloca o Seu Espírito dentro de mim e me ilumina para que eu possa proclamar “Aba, Pai” (Romanos 8:15), não por meus próprios méritos, mas porque sinto o Seu amor. Eu não posso possuir.

que o Espírito não seja um tesouro pessoal, mas um presente para meus irmãos, para que eles também possam compreender o plano de Deus.



3. Orando ando

Senhor, tu gravas meu nome em teu coração para que não te esqueças de mim, e selas minha fronte com o dom do teu Espírito. Tu me chamas de “filho amado”, e mesmo conhecendo minhas fraquezas, depositas em mim a tua alegria. Ajuda-me a sempre lembrar que sou teu filho, mesmo quando minhas limitações e pecados maculam a beleza da tua criação em minha vida. Que eu seja lavado nas águas do teu perdão. Quando eu fraquejar diante da tristeza ou do desânimo, que eu me lembre de que tenho o teu Espírito de água e fogo, que acende a minha esperança e revigora o meu caminho. Que o dom do meu batismo me una cada vez mais intimamente a Jesus, teu Filho e meu Senhor. Que eu ouça a tua voz sussurrando-me a cada dia da minha vida, até o fim: “Tu também és meu filho amado”.



4. Perguntas para meditar sobre a vida com novos olhos

Em que momentos e lugares me sinto repleto de alegria por me sentir como um “filho amado” de Deus?

Que coisas eu descubro em mim que sinto não serem "dignas" de um Um filho que busca agradar a Deus?



5. Aplicação pastoral

Muitas pessoas vivem uma fé repleta de práticas religiosas recebidas por meio da educação formal (escola, faculdade, catecismo), que continuamos a repetir como costumes populares. Em alguns casos, essa fé consiste em ideias memorizadas e rituais mecânicos. Mas sem um encontro com Jesus! Infelizmente, isso tem agido como uma venda nos olhos, fazendo-nos evitar a necessidade urgente de conversão.

O Papa Francisco nos convida a buscar um encontro pessoal com Jesus Cristo vivo, fonte de conversão, comunhão e solidariedade humana. A fé não é uma doutrina, um costume ou uma lei, mas sim a disposição de encontrar Jesus Cristo e aceitá-lo como nosso Mestre e Salvador, sem cair na tentação de manipulá-lo, adaptá-lo aos nossos próprios interesses ou fazê-lo dizer o que queremos ouvir para nos sentirmos bem ou justificarmos nossas ações.

Na época de Marcos, os cristãos precisavam lidar com novas culturas, o que trazia consigo tensões externas e internas. Havia o perigo de esquecer Jesus ou de não compreendê-lo. Isso levou a várias perguntas: Quem é Jesus? Ele é realmente o Filho de Deus? Como alguém pode ser um discípulo? Para responder a essas perguntas, Marcos registrou por escrito a fé que havia recebido: “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (1:1). Mas, em vez de nos dizer o que são as Boas Novas, ele nos conta sobre a vida de Jesus. Ele é as Boas Novas!

O Evangelho de Marcos narra a jornada de Jesus. Ao longo dessa jornada, as pessoas se perguntavam: "Quem é este homem?". As respostas variavam: "O filho do carpinteiro, um bêbado e glutão, um tagarela, um professor". Alguns o viam como Salvador, outros como um guerreiro. Mas poucos o reconheciam como o Filho de Deus, e então Jesus lhes pediu silêncio, pois havia o risco de que as pessoas acreditassem nele apenas por causa dos milagres que realizava.

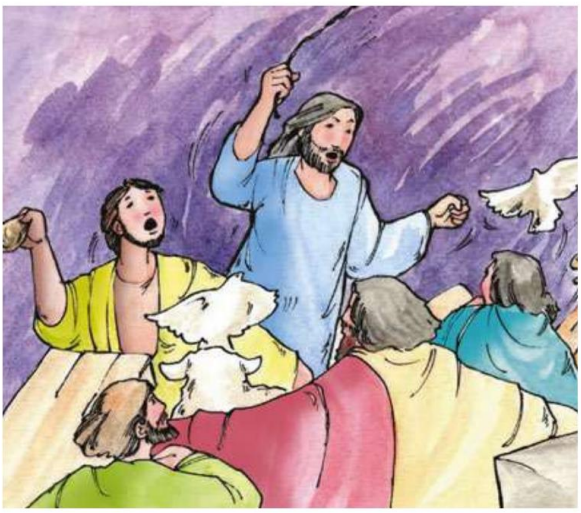
Quem quiser saber quem é Jesus e segui-lo precisa trilhar o caminho da cruz, lutando ao seu lado pelo Reino. Jesus vem da Galileia, onde pregou o Reino; mas, ao chegar a Jerusalém, intensifica sua inimizade com os poderosos que transformaram o Templo em um covil de ladrões.

Hoje, muitas pessoas têm ideias diversas sobre Jesus: um milagreiro que resolve problemas; um policial a quem recorremos para sermos punidos; um placebo para nos sentirmos bem; um ídolo que exige adoração e rituais. Não nos esqueçamos de que Jesus, o Filho de Deus, é o Nazareno que queremos seguir, aquele que não podemos manipular. nossos interesses.

Tema 2

A CASA DE JESUS NOSSA CASA

Introdução



Os seres humanos anseiam por construir um lar; sonhamos com ele como um lugar de paz, acolhimento, descanso e intimidade. O lar é onde os sonhos mais profundos de uma família são forjados. Deus também sonha com um Lar Comum para todos os seus filhos e filhas, um sinal do seu Reino, para o qual todos somos convidados para o encontro de irmãos e irmãs.

Mas hoje, a moradia deixou de ser um direito, uma manifestação da vontade de Deus, e se tornou uma expressão de egoísmo e acumulação. Existem casas muito luxuosas e verdadeiras favelas onde as pessoas são forçadas a viver; algumas não têm onde repousar a cabeça, enquanto outras acumulam vastas quantidades de bens.
casas.

A vida que se desenrola dentro de uma casa reflete essa realidade. Muitas vezes, ela deixa de ser um lugar de encontro, acolhimento e paz, tornando-se um espaço onde o egoísmo, a violência e a marginalização prosperam. Isso sufoca a verdadeira vida.



1. Leitura: Marcos 1:29-34

Após sair da sinagoga, Jesus foi para a casa de Simão e André, acompanhado de Tiago e João. A sogra de Simão estava deitada na cama com febre, e eles imediatamente contaram a Jesus a respeito dela. Ele foi até ela, tomou-a pela mão e a ajudou a levantar-se. A febre a deixou, e ela começou a servi-los. Antes do pôr do sol, o povo trouxe a Jesus todos os enfermos e os endemoninhados. Toda a cidade se reuniu à porta. Jesus curou muitos que sofriam de diversas doenças e expulsou muitos demônios, mas não os deixava falar, porque sabiam quem ele era.

Explique com suas próprias palavras o que você entendeu do texto.

Por que Jesus cura a mulher? Para que ela possa servir melhor à sua família?

Uma pista para melhor compreender o texto…

Este texto deve ser inserido num contexto mais amplo. A missão de Jesus abrange todas as esferas possíveis: a sinagoga (1:21-28), o lar (1:29-34), o mundo (1:35-39). O texto que lemos se passa na casa de Pedro em Cafarnaum, e seus personagens principais são a sogra de Pedro e um grupo de pessoas doentes e possessas por demônios, todos marginalizados pela sociedade.

Era sábado, um dia de estrito repouso (Êxodo 20:8-11; Marcos 3:1-7); todo trabalho era proibido. A única atividade permitida era ir à sinagoga ou ao Templo. Jesus e seus discípulos entraram na sinagoga em Cafarnaum, onde um homem endemoninhado o declarou santo (1:24), mas Jesus lhe mandou calar-se. Para o judeu, saber o nome de alguém lhe permitia possuí-lo. Este é o significado que deve ser atribuído à declaração do homem endemoninhado: não se trata de uma confissão de fé, mas de uma tentativa de Jesus de manipulá-lo.

Na sinagoga, Jesus desafia a lei do sábado e rejeita os mestres, reafirmando sua autoridade sobre a Lei e esclarecendo seu papel de serviço ao indivíduo.
Em seguida, ele sai da sinagoga e vai para a casa de Pedro, onde sua sogra está deitada na cama com febre. Ela é uma viúva idosa que precisa da proteção de Pedro. Não é dito que ela esteja doente, apenas que tem febre. Ou seja, não sabemos a origem de sua doença, embora nesses casos fosse atribuída a um poder maligno. Devido às suas circunstâncias, essa mulher é marginalizada.

Alguém informa Jesus sobre a condição dela. Não sabemos se é para que ele a cure ou para se desculpar por tê-la negligenciado em casa. Jesus toma a iniciativa e se aproxima dela; ele a ampara, restaura sua dignidade e a faz sentir-se amada. Jesus repudia uma lei que condena a mulher doente, idosa e marginalizada.

Quando alguém estava doente, o rabino era obrigado a examiná-lo para determinar se estava puro ou impuro, mas jamais ousaria tocá-lo. Além disso, muitos rabinos estavam tão preocupados com questões legais e rituais que os doentes eram sua menor prioridade. Jesus toma a iniciativa, não realizando um exame físico para declará-la pura ou impura, mas expressando seu amor por ela, à semelhança de Isaías, o profeta que ama e cuida dos pobres (Isaías 1:17; 40:1; 42:2-3).

A febre da mulher passou e ela começou a cuidar deles. Ao vencer o poder que a dominava, marginalizava e condenava, ela emergiu da miséria e iniciou sua profunda missão: servir aos outros.

A partir daquele momento, a casa deixou de pertencer a Pedro e tornou-se a casa de Jesus. E ao pôr do sol, as pessoas traziam os doentes e os possessos por demônios a Jesus. A casa de Jesus tornou-se a casa do povo! Nossa casa, a casa do Reino, o lugar de encontro entre o Pai e seus filhos.



2. Meditação pessoal

Procuro ver Jesus como compassivo com os que sofrem, próximo dos necessitados. Como discípulo, devo imitar suas atitudes e agir como ele. Consigo perceber as necessidades daqueles que me rodeiam? Estou disposto a estender a mão a eles e ajudá-los? O que devo fazer para imitar a vida do Senhor Jesus?

Se o Senhor sempre reserva tempo para orar, para estar a sós com o Pai, o que devo fazer para garantir que eu tenha tempo todos os dias para orar, para ter um encontro íntimo com Jesus? Além disso, o que devo fazer para alcançar um bom equilíbrio entre oração e ação? Como posso garantir que minha oração me leve a servir meus irmãos e irmãs?



3. Orando ando

"Porque agora escolhi e consagrei esta casa, para que o meu nome esteja nela para sempre; os meus olhos e o meu coração estarão nela para sempre" (2 Crônicas 7:16). Senhor, permita-nos habitar em uma casa que seja um berço de amor, paz e serviço constante, especialmente para com aqueles irmãos e irmãs mais necessitados. Encha nosso tempo em família com o seu Espírito, abençoe nossas ações, abra nossos corações para que possamos compreender que as pessoas vêm antes das regras. Que possamos revitalizar juntos o nosso espírito cristão. Abençoe nossos momentos de alegria e tristeza, de trabalho e de doença.



4. Perguntas para meditar sobre a vida com novos olhos

Como me apresento a Jesus, como alguém necessitado, confiante, amado e cuidado em todos os momentos… ?

Quem são as pessoas que estão atualmente acamadas, com febre? invisibilizados?

Quando estendo a mão para ajudar, faço isso para ser reconhecido como uma boa pessoa ou faço isso em nome do amor a Jesus?



5. Aplicação pastoral

Marcos mostra que Jesus começou sua missão salvando vidas em uma casa, tornando-a um lugar onde o Reino de Deus pudesse ser vivido. Na cultura judaica, a casa era o lar e a família, onde a vida era cuidada, as tradições e os costumes eram transmitidos e os valores e relações sociais eram vivenciados.

A família era o alicerce de Israel. Portanto, Israel e a família eram pilares para a construção da "casa de Deus". O próprio Javé estabeleceu Israel como sua família (Gênesis 12:2; 17:4) e seu povo (Ezequiel 43:9). Ele deu a Israel a terra prometida (Deuteronômio 8) como um lar de liberdade, em contraste com o Egito, a casa da escravidão (Josué 24:17).

A casa de Deus era um lugar sagrado. Primeiramente, foi a tenda que Moisés construiu no deserto após a libertação do Egito (Êxodo 25-31); ali ele se reuniu com seu povo para renovar a Aliança. Mais tarde, essa casa se tornou o Templo construído por Salomão em Jerusalém (1 Samuel 5:15-9:25). Infelizmente, para garantir o controle político, econômico, militar e religioso, ele e outros reis ordenaram a destruição dos demais templos da terra (2 Reis 23; Deuteronômio 12). Após o exílio babilônico (587-538 a.C.), a monarquia foi abolida e o governo passou para as mãos dos sacerdotes. O templo tornou-se um símbolo de seu poder, que exigia obediência ao culto e à interpretação da Lei de acordo com seus interesses. Assim, eles assumiram a autoridade para julgar e punir aqueles que violavam a Lei, declarando-os impuros ou pecadores.

A Lei e o Templo tornaram-se um fardo pesado que já não fomentava a vida, mas sim a destruía. Além disso, devido à distância do Templo, sinagogas foram estabelecidas nas cidades para se reunirem aos sábados para ler e discutir a Lei, recitar salmos e orar, sob a liderança de um rabino.

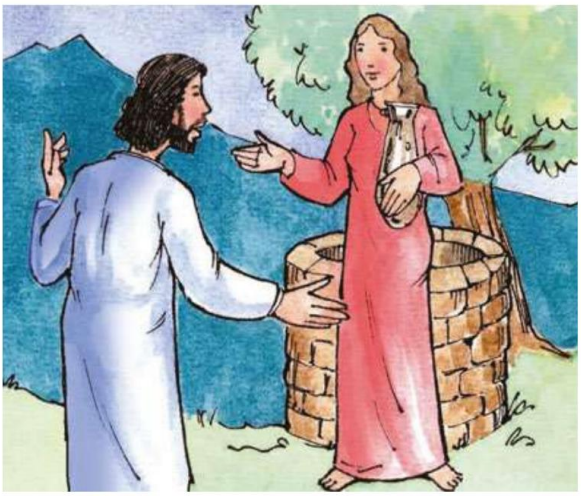
Em Marcos, a casa aparece como um lugar comum onde Jesus age. Jesus não tem casa própria (Lc 9,58); ele vive acolhido por outros, compartilhando o que lhe oferecem, sem se preocupar com sua reputação (Mc 2,16-17). Jesus convida seus discípulos a deixarem suas casas para segui-lo (Mc 10,29ss) e juntos formarem uma nova casa — uma família.

O primeiro ato de Jesus como sinal do Reino ocorreu na sinagoga de Cafarnaum, uma vila de pescadores às margens do Mar da Galileia. Ali, Jesus curou no sábado, transgredindo a Lei. Naquele mesmo sábado, ele foi à casa de Pedro. A sogra de Pedro estava lá, doente e imprópria para a casa, pois sua doença a tornara ritualmente impura. Jesus a curou, e a casa tornou-se um sinal do Reino de Deus. Daí em diante, seria a casa de Jesus, um ponto de encontro entre ele e seus discípulos, um lugar para compartilhar o Reino de Deus. A casa é um lugar de comunicação, onde a intimidade se traduz em apoio mútuo (Marcos 7:17; 9:28). Na casa, o foco está no indivíduo, e ninguém é tão ruim a ponto de não merecer ajuda.

Tema 3

O Evangelho é para todos.

Introdução



O lar é um lugar que produz cultura. Para a família, é o ambiente básico onde seus membros mantêm relações próximas e preservam suas tradições e crenças. Ali, aprendemos e praticamos diversos estilos de interação humana. Mas também aprendemos preconceitos contra os outros em casa, especialmente contra aqueles que não são da nossa raça, credo ou gênero; aqueles que têm costumes diferentes ou uma posição social diferente. Isso fomenta uma atitude e uma prática de marginalização, o que é contrário ao plano de Deus.

Marcos nos conta sobre o encontro entre Jesus e uma mulher de uma cultura e religião consideradas inferiores pelos judeus. Através desse encontro, descobrimos que Deus não faz distinção entre povos ou culturas. Esta é a Boa Nova!



1. Leitura: Marcos 7:24-30

Jesus decidiu ir para a região de Tiro. Entrou numa casa, tentando passar despercebido, mas não conseguiu. Uma mulher, cuja filha estava possuída por um espírito maligno, ouviu falar de sua chegada e imediatamente foi e se ajoelhou aos seus pés. Essa mulher era grega, siro-fenícia, e suplicou a Jesus que expulsasse o demônio de sua filha. Jesus lhe disse: “Espere até que as crianças tenham comido, pois não é certo tirar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorros”. Mas ela respondeu: “Senhor, até os cachorros debaixo da mesa comem as migalhas das crianças”. Então Jesus lhe disse: “Pode ir; por causa das suas palavras, o demônio saiu da sua filha”. Quando a mulher chegou em casa, encontrou a criança deitada na cama; o demônio havia desaparecido.

Explique com suas próprias palavras o que você entendeu do texto.

Por que Jesus se fazia de difícil? O que essa mulher nos ensina?

Uma pista para melhor compreender o texto…

Esta passagem encontra-se na seção “Dos Pães” (Marcos 6:30–8:26). Após a multiplicação dos pães, as migalhas que sobraram tornam-se um tema de discussão entre os discípulos. O fermento (legalismo) dos fariseus os impede de reconhecer Jesus como o Salvador.

A cena se passa em uma casa na região de Tiro e Sidom, também conhecida como Siro-Fenícia, no norte de Israel. As fronteiras sempre foram locais onde se desenvolvem relações entre povos diversos. Os galileus mantinham uma boa relação com os siro-fenícios, caracterizada pelo diálogo e respeito. Era uma relação muito melhor do que a que tinham com as outras províncias de Israel.

Jesus aparentemente deixou a região da Galileia e foi para a fronteira, tentando se distanciar daqueles que haviam decidido matá-lo (Marcos 3:6). Ele entrou numa casa, onde uma mulher pagã o reconheceu e imediatamente se ajoelhou a seus pés, implorando-lhe que curasse sua filha. Uma casa se torna um espaço de encontro entre pessoas diferentes, um lugar de diálogo, aprendizado e confiança mútua.

A mulher siro-fenícia encontra-se em desvantagem: é mulher (na cultura judaica, os homens são considerados superiores às mulheres), está sozinha (desprotegida) e é estrangeira (a cultura judaica é etnocêntrica e despreza os cananeus como se fossem “cães”). Os cananeus caracterizavam-se pelo seu culto de fertilidade a Baal, que era mais ritualístico do que eticamente vinculativo; por essa razão, Israel sempre manteve distância deles.

Essas duas personagens, moldadas por suas culturas, se encontram e juntas descobrem a universalidade do Evangelho. A mulher, marcada pela dor da filha atormentada por um espírito imundo, toma a iniciativa de se aproximar de Jesus e inicia um diálogo com a atitude da humilhada: ela se prostra aos pés de Jesus, fisicamente próxima, mas culturalmente distante.

Jesus responde: “Não é certo dar o pão dos filhos aos cachorros”. Uma resposta dura. Mas isso não significa uma recusa em atender ao pedido da mulher, pois desde o princípio Jesus estabeleceu uma missão que transcende cultura, religião e gênero. Em vez disso, somos confrontados com uma “provocação pedagógica” para a mulher.

Angustiada com a doença da filha, ela não se cala, mas responde com firmeza: “Senhor, até os cachorrinhos debaixo da mesa comem as migalhas das crianças”. Até os pagãos fazem parte da família de Deus e podem receber o alimento que Jesus oferece. Por causa do que a mulher disse, Jesus atende ao seu pedido.
Ao fazer isso, ele liberta sua missão do preconceito judaico: o Reino abrange todas as culturas e religiões: “Você pode ir; pelo que você disse, o demônio deixou sua filha”. A saúde da menina torna-se um sinal de diálogo entre iguais.



2. Meditação pessoal

Na leitura de hoje, vejo como Jesus atende uma mulher estrangeira, de outra religião, o que era proibido pela Lei. Inicialmente, Jesus não queria ajudá-la, mas a mulher persistiu e conseguiu o que queria: a cura de sua filha. Permito-me ser desafiado pela convicção dessa mulher. Tenho o mesmo grau de confiança em Deus, ou duvido quando surgem problemas?

Observo como Jesus procura abrir a mente dos discípulos. Na multiplicação dos pães, ele enfatiza o valor da partilha (6:30-44); na discussão sobre alimentos puros e impuros, diz-lhes que todos os alimentos são puros (7:1-23). Agora, com o episódio da mulher siro-fenícia, ele transcende as fronteiras nacionais e acolhe o estrangeiro.
Essa iniciativa de Jesus, estranha à mentalidade judaica, me faz pensar na abertura e na receptividade que tenho com os estrangeiros.

Permito que Jesus me critique por me apegar à “tradição dos anciãos”; também permito que ele me encoraje a libertar-me da prisão dos meus preconceitos. A mulher me ilumina, pois não tem problema algum em se aproximar dos judeus; são eles que estão cheios de preocupações. Na multiplicação dos pães, sobraram doze cestos (Marcos 6:42), pão para todos, tanto os que estavam dentro como os que estavam fora.



3. Orando ando

Deus, Pai de nossos ancestrais, há muito sabemos que o teu coração está com os refugiados e migrantes; que nasceste entre nós em uma família de refugiados que fugiam da violência, e que viveste como uma pessoa faminta em um país estrangeiro.

O grito do rejeitado ecoa através dos tempos: "Você vai me deixar entrar?" Conceda-nos corações sensíveis, abertos aos irmãos e irmãs que nos procuram. Que o ódio não nos ensurdeça; que nossos olhos vejam graça em vez de ameaças; que nossas línguas não sejam silenciadas, mas sim que defendam uma causa; que nossas mãos se estendam para trabalhar pela paz e pela justiça. Senhor, proteja os estrangeiros, os vulneráveis, aqueles que pensam diferente. Que encontrem em nós amigos, um refúgio acolhedor de amor.



4. Perguntas para meditar sobre a vida com novos olhos

Qual é a minha atitude e opinião quando encontro alguém que é diferente por causa de suas crenças religiosas, políticas ou sexuais? Até

que ponto me considero uma pessoa tolerante, capaz de Perdoar, acolher os outros?



5. Aplicação pastoral

Criados à imagem e semelhança de Deus, somos chamados a viver em comunhão, aceitando as diferenças. Contudo, no dia a dia, vemos relações de dominação dos fortes sobre os fracos; indiferença para com os mais vulneráveis, chegando mesmo ao ponto de sua eliminação física; manipulação cultural e religiosa de povos considerados vassalos, aos quais submetem suas regras por acreditarem que sua cultura é superior. Isso se chama etnocentrismo (minha cultura é superior!). Em nível pessoal, reproduzimos essa atitude quando menosprezamos os outros e nos consideramos superiores.

A consequência desse modo dominante de convivência é o desprezo e a humilhação de pessoas, comunidades e culturas que organizam suas vidas de maneira diferente. É humilhante quando alguém se aproxima de outro com um gesto paternalista; dizer "coitadinho" para alguém é uma expressão de pena, que pode levar a atos de caridade, mas nem sempre beneficia o indivíduo ou a comunidade, tornando-os cada vez mais dependentes e envergonhados de seus valores culturais.

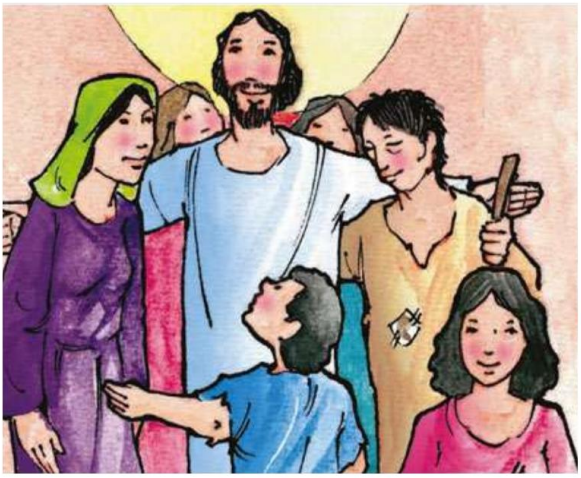
Diante dessa cultura dominante, a alternativa é a abertura e o diálogo. Isso implica romper com a complacência e assumir riscos pelos outros. O desafio é deixar de lado o egoísmo, o consumismo e o desejo pelo caminho mais fácil, e abraçar a comunhão, a participação e a solidariedade entre pessoas e nações. A humanidade precisa confiar na humanidade.

Em muitos lugares, a tendência é eliminar aqueles que são diferentes. Muitas pessoas são consideradas descartáveis e excluídas. O texto que lemos nos apresenta um desafio: construir uma rede de relações onde prevaleçam o acolhimento e o diálogo; um novo lar, um lugar de acolhimento e diálogo, respeito e defesa da vida. Como a casa onde Jesus acolhe a mulher siro-fenícia, nosso lar deve ser um lugar de acolhimento, de família ampliada: parentes, vizinhos, migrantes, necessitados de pão, da palavra, da comunidade.

Tema 4

Cultivando a solidariedade em um mundo frio

Introdução



O templo é um lugar sagrado onde se entra em contato com Deus por meio de símbolos, sinais, palavras e atos (liturgia). Ali, as pessoas se reconhecem como membros do mesmo povo, comunidade e família; ali, celebram a fé que une, nutre e renova a vida, a esperança e a força para permanecer unida como uma grande família.

Mas o templo corre o risco de se tornar um mero costume ritualístico, transmitido mecanicamente. Nesse caso, o templo se desconecta da vida das pessoas. Outro perigo é que algumas pessoas se considerem sagradas e dignas de estar ali, e se "resignem" ao que é menos sagrado. Mais um perigo é que o templo se torne um negócio.



1. Leitura: Marcos 11:15-19

Chegando a Jerusalém, Jesus foi ao Templo e começou a expulsar os que ali vendiam e compravam.
Ele derrubou as mesas dos cambistas e as bancas dos vendedores de pombas, e não permitia que ninguém carregasse nada pelo Templo. Então começou a ensiná-los, dizendo: “Deus não diz na Escritura: ‘A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações’? Mas vocês a transformaram em ‘covil de ladrões’!” Quando os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei ouviram isso, conspiraram para se livrar dele, pois tinham medo dele por causa do impacto que seus ensinamentos causavam no povo. Todas as noites, eles saíam da cidade.

Explique com suas próprias palavras o que você entendeu do texto.

Por que Jesus expulsou os mercadores do templo ?

Uma pista para melhor compreender o texto…

Estamos na etapa final da jornada da Galileia a Jerusalém (11-13). Os discípulos não compreendem totalmente a missão de Jesus (8:27-33). Eles imaginam um messias político que assumirá o poder, expulsará os romanos e corrigirá as autoridades religiosas que detinham o domínio no Templo. Todos os galileus pensavam da mesma forma.
Por isso, os discípulos disputavam posições no novo governo que Jesus estabeleceria quando chegasse a Jerusalém (10:35-37).

A Páscoa se aproximava, uma festa frequentemente marcada por conflitos, especialmente por parte dos guerrilheiros zelotes. Mas Jesus não entrou em Jerusalém como um messias político, e sim como um humilde camponês montado em um jumento. Ele era o Messias, o Servo de Deus, paciente e humilde! (Isaías 42:1-3). Ele não estava acompanhado por um exército, mas por uma multidão que o aclamava como rei, à semelhança de Davi. A primeira coisa que fez foi visitar o Templo e dar uma olhada rápida ao redor.

No dia seguinte, a caminho do Templo, Jesus, faminto, para diante de uma figueira infértil e a amaldiçoa (11:12-14, 20-25). Esse estranho acontecimento nos ajuda a compreender o que acontecerá a seguir. Ao chegar ao Templo, ele percebe que ali não se cultivam os frutos da oração, da fé e da justiça. Por isso, expulsa os que vendem e os que compram lembrancinhas, artesanato e, sobretudo, animais — todos necessários para o sacrifício. Com isso, Jesus declara a invalidade de um culto que recorre a vítimas externas sem qualquer compromisso por parte daqueles que oferecem os sacrifícios. Jesus denuncia a exploração dos pobres, algo que deve ser abolido (12:40).

Assim como os profetas, Jesus exige uma adoração que seja uma doação de si mesmo, vivendo uma vida de constante obediência a Deus e compromisso com os outros: “Misericórdia quero, e não sacrifício” (Isaías 1:11; Oséias 6:6; Amós 4:4-6). Após esse evento, Jesus explica suas ações, acusando os administradores do Templo de terem transformado a casa de Deus em um negócio: “A minha casa é casa de oração para todas as nações” (Isaías 56:7)... “Tornam esta casa, consagrada ao meu nome, como um covil de ladrões?” (Jeremias 7:11).

Jesus condena o sectarismo judaico e enfatiza que o templo é a Casa de Deus, um lugar de oração para todos os povos. A abertura a todas as nações deve estar presente na comunidade dos seguidores de Jesus, que convidam e acolhem a todos sem discriminação, especialmente os excluídos. É por isso que os sacerdotes e mestres da Lei querem matá-lo.



2. Meditação pessoal

Houve momentos, Senhor, em que fiquei nervoso na frente das pessoas. Tenho certeza de que teria ficado da mesma forma se tivesse visto o Senhor virando as mesas dos cambistas e derrubando as gaiolas dos animais. Sinto que, às vezes, permaneço em silêncio diante da injustiça por medo de represálias.

Fico pensando em quantas vezes já fui esse mercador da religião. Quando acredito que batizar uma criança, fazer a Primeira Comunhão ou casar envolve despesas, na maioria das vezes desnecessárias. Quando acredito que a Eucaristia me pertence porque "eu paguei por ela".

Sinto que este texto me impacta, porque vejo os edifícios, a pompa, o excesso… Dedico um tempo para imaginar uma Igreja diferente, onde o foco central seja a presença de Deus, a comunidade, a proximidade, um encontro com o Senhor nas atividades diárias. Tento ouvir a Sua voz que me diz: “A minha casa é uma casa de oração”.



3. Orando ando

Deus Santo, nós te agradecemos pela tua misericórdia. Obrigado por chamar todos os crentes do mundo inteiro para se unirem em oração. Obrigado pela tua presença e abundância. Senhor, que o teu Reino venha e que a tua vontade seja feita em nossas igrejas. Como teu povo, oramos e buscamos a tua face, confiantes de que, se rejeitarmos o caminho do mal, tu nos ouvirás, perdoarás os nossos pecados e curarás as nossas feridas. Seremos humildes, gentis e pacientes uns com os outros, relevando as faltas uns dos outros. Seremos compassivos uns com os outros e nos perdoaremos mutuamente, assim como tu, Senhor, nos perdoas em Cristo. Sim, perdoa as tuas igrejas por serem egocêntricas e egoístas; perdoa-nos por muitas vezes negarmos o teu poder; perdoa-nos por nem sempre termos o teu Reino em mente. Amém.



4. Perguntas para olhar a vida com novos olhos

Observo minha família e minha paróquia: sinto que são espaços onde reina o amor de Deus ou onde prevalecem nossos interesses egoístas?

Sinto que minha atividade pastoral, à semelhança de Jesus, tem algum impacto ?

Ou será que sou como uma videira seca, ou será que me identifico com as pessoas?



5. Aplicação pastoral

Após a libertação do Egito, Deus desejava uma casa onde pudesse estar em contato com o seu povo. Moisés construiu uma tenda. Nessa tenda estavam os Dez Mandamentos, como sinal da Aliança de Deus com Israel (Êxodo 25-31). Mas essa Tenda — a Casa de Deus — foi tomada pela monarquia: Davi unificou as tribos em um único país, e Salomão construiu um templo em Jerusalém (1 Samuel 5:15-9:25) para substituir a Tenda e ordenou a destruição dos outros templos da terra (2 Reis 23; Deuteronômio 12).

Para administrar o templo e sua liturgia, foi criado um sacerdócio leal à monarquia, que controlava o povo por meio da religião. Os profetas denunciaram essa situação e mostraram que as calamidades eram consequência da corrupção do templo, do culto, do sacerdócio e da monarquia. Mas os profetas não buscavam eliminar o templo, o sacerdócio ou o culto; ao contrário, eles clamavam por verdadeira fidelidade e santidade (Isaías 1:10-17; Amós 5:21-27; Jeremias 7:1-15; Malaquias 1:6-2:9; Oséias 4:4-11).

Após o exílio babilônico (587-538 a.C.), a monarquia foi abolida e o poder passou para as mãos dos sacerdotes, que governavam segundo a Lei, a qual interpretavam de acordo com as novas circunstâncias e, sobretudo, com seus próprios interesses. Uma parte fundamental da Lei era o culto que ocorria nos lares e nos templos, presidido pelos sacerdotes.

Proferida pelos sacerdotes. Assim, a Lei e o Templo tornaram-se sinais de poder para julgar e punir aqueles que violavam a lei, declarando-os impuros ou pecadores e separando-os de Israel. A Lei e o Templo, em vez de serem uma expressão de misericórdia, tornaram-se um sinal de sofrimento (Mc 2:23-27).

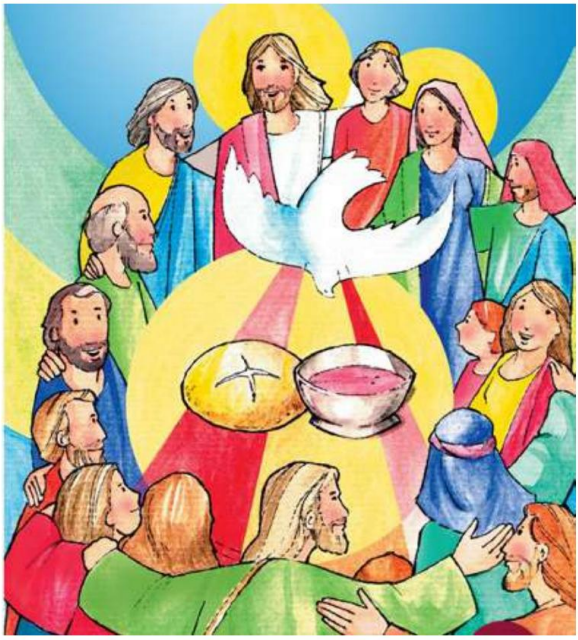
Na época de Jesus, o Templo era a instituição mais importante do judaísmo. Era o símbolo da religião judaica, um sinal visível da presença de Javé e um testemunho de sua escolha por Israel. Era o único lugar onde Deus podia ser adorado. Daí a importância das peregrinações, especialmente para a festa da Páscoa.

Em um sentido sociopolítico, era o ponto focal da sociedade judaica; o lugar onde as decisões eram tomadas. O Sinédrio estava localizado lá, e a economia prosperava ali: bancos, câmbio e venda de animais e mercadorias. Jesus participava do culto no templo, mas condenava as transações comerciais. Essa foi uma das acusações durante seu julgamento (Marcos 14:57-58; 15:29). Para Jesus, a verdadeira adoração a Deus não depende do lugar, mas da atitude interior, em espírito e em verdade (João 4:23). Hoje, nós, cristãos, corremos o risco de esquecer essa revelação e ceder a liturgias distantes da vida, meros rituais vazios; oferecer donativos que são inconsistentes com nosso estilo de vida; orar muito e orar pouco; fazer ofertas, mas não praticar a justiça.

Tema 5

Reunidos em volta da mesa, somos uma família.

Introdução



Os judeus celebravam a refeição da Páscoa como uma lembrança da Aliança que Deus havia feito com eles. Agora, Jesus se apresenta como um novo cordeiro sacrificado para estabelecer uma Nova Aliança.

Javé pediu a Israel que celebrasse a ceia. Agora, Jesus confia aos seus discípulos a preparação de uma nova ceia, a Eucaristia, como memorial e sinal de toda a sua vida e obra.

A casa da Última Ceia substitui o templo de Jerusalém; o sacrifício de Jesus substitui o cordeiro pascal.

Os cristãos abraçaram a Última Ceia de Jesus como um sinal e sacramento de sua presença e uma reafirmação de seu compromisso em seguir a Cristo. Eles a celebravam em contextos familiares e comunitários, onde todos eram considerados irmãos e irmãs (Atos 2:42-47). Mas parece que, na época de Marcos, surgiu um perigo: o de perder o significado da Última Ceia, transformando-a em uma celebração vazia e rotineira, desconectada de Jesus ou da vida cotidiana. Havia um risco real de que a Última Ceia se tornasse uma mera imitação do estilo de vida romano (1 Coríntios 11:17). Portanto, Marcos, com o texto que estudaremos hoje, ensina que a Eucaristia é inseparável da pessoa e do caminho de Jesus.



1. Leitura: Marcos 14:12-25

No primeiro dia da Festa dos Pães Ázimos, quando o cordeiro pascal foi sacrificado, seus discípulos lhe disseram: "Onde queres que preparemos a refeição da Páscoa para ti?"
Então Jesus enviou dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: “Vão à cidade, e um homem carregando um cântaro de água virá ao encontro de vocês. Sigam-no até a casa em que ele entrar e digam ao dono: ‘Onde ele estiver?’”

O mestre perguntou: “Onde fica o meu quarto de hóspedes, onde poderei comer a Páscoa com os meus discípulos?” Ele lhes mostrará um grande cenáculo, mobiliado e pronto. Preparem tudo para nós lá.” Os discípulos foram, entraram na cidade e encontraram tudo exatamente como Jesus lhes havia dito, e prepararam a Páscoa. Ao cair da tarde, Jesus chegou com os Doze. Enquanto estavam à mesa comendo, ele lhes disse: “Em verdade vos digo que um de vós me trairá: aquele que come o meu pão.” Ao ouvirem isso, ficaram profundamente perturbados e começaram a perguntar-lhe, um após o outro: “Porventura, não me falas de mim?” Ele respondeu: “É aquele que molha o pão no prato comigo. O Filho do Homem irá, como está escrito a seu respeito. Mas ai daquele que trair o Filho do Homem! Melhor lhe fora não ter nascido.” Durante a refeição, Jesus tomou o pão e, depois de o abençoar, partiu-o e deu-lho, dizendo: “Tomem; isto é o meu corpo.” Então, tomando um cálice, deu graças e o ofereceu a eles, e todos beberam dele. Disse-lhes: "Este é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos. Em verdade vos digo que não provarei mais o fruto da videira até aquele dia em que o beberei novo no reino de Deus."

Explique com suas próprias palavras o que você entendeu do texto.

O que significa comer e beber o corpo e o sangue de Jesus Cristo?

Uma pista para melhor compreender o texto…

Este episódio ocorre no início da quarta e última parte do Evangelho de Marcos (Marcos 14-16). Jesus começou sua jornada em sua casa na Galileia e agora a termina em uma casa em Betânia. Chegou o momento culminante: seu confronto com as autoridades religiosas e políticas o levará a revelar completamente sua identidade, oferecendo sua própria vida como testemunho de sua missão.

Marcos inicia a narrativa anunciando a festa que era celebrada naqueles dias: “a Festa dos Pães Ázimos, quando o cordeiro pascal era sacrificado”. Essa festa tão importante gera preocupação entre os discípulos: onde celebrariam a refeição da Páscoa e que medidas de segurança tomariam diante da possível perseguição das autoridades?

O clima é tenso, mas Jesus permanece no controle dos acontecimentos, pois aceita livremente a vontade do Pai. A Páscoa não será celebrada às pressas e em pé, como era costume entre seus antepassados (Êxodo 12:11), mas sim com paciência e serenidade. Ele abraçou livre e antecipadamente seu destino de amor.

Quando tudo está pronto, o jantar começa e é hora de todos esclarecerem suas escolhas. A chave para entender o desfecho do conflito reside no esclarecimento de Marcos: aquele que trai Jesus à morte não é o Pai, mas um de seus seguidores. Marcos não nomeia o traidor, nem esclarece se ele saiu da casa. Ele apenas diz que participa do jantar. Apesar da traição, ele permanece convidado e sempre pode se arrepender.

A Última Ceia é, portanto, um sacramento da autodoação de Jesus. Por essa razão, o Senhor lhe confere um significado simbólico: dos importantes símbolos da refeição pascal judaica, o foco se desloca para Jesus, o Novo Cordeiro que em breve será sacrificado. Jesus cria uma atmosfera pascal para recordar aos seus discípulos o Êxodo, o momento em que o povo conquistou a sua liberdade e fez uma Aliança com Deus. Jesus une a memória da libertação à memória da sua morte. A Eucaristia é o sacramento da oferta definitiva da sua pessoa e obra.

Jesus pronuncia as palavras que expressam a nova comunhão: “Este é o meu corpo…”, isto é, a minha pessoa. “Este é o meu sangue, o sangue da aliança, que será derramado por muitos…”, isto é, a minha missão, com a qual começa a Nova Aliança, um novo pacto entre Deus e a humanidade, que envolve a adesão ao Senhor Jesus.



2. Meditação pessoal

Reflito sobre minha vida cristã e me pergunto qual o papel que os feriados desempenham no meu dia a dia. Sou capaz de celebrar com gratidão, alegria e altruísmo?
Na Última Ceia, Jesus ofereceu uma sincera gratidão. Costumo agradecer a Deus por tudo o que Ele me dá, especialmente pela salvação que Ele nos oferece por meio de Jesus Cristo?

Será que tenho consciência da presença real de Jesus Cristo na Eucaristia e no tabernáculo, sob a forma do Seu Santíssimo Sacramento? O que isso significa para mim? Será que me aproximo d'Ele e O acompanho? Será que compreendo que Ele está sempre à minha espera?

Procuro recordar as palavras que Jesus fala sobre o pão e o vinho. São as mesmas palavras que o sacerdote usa na consagração eucarística. Sinto este mistério a tornar-se presente na minha vida? Leva-me a viver de forma diferente?
Compreendo que sou chamado a beber o vinho novo no Reino de Deus?



3. Orando ando

Como poderei retribuir ao Senhor?
Todo o bem que ele me fez?
Erguerei o cálice da salvação.
E invocarei o nome do Senhor.

Quão doloroso isso é para o Senhor.
a morte de seus amigos!
Eu, Senhor, sou teu servo,
Sua serva, assim como minha mãe:
Foi por isso que você quebrou minhas correntes.
Oferecerei a ti um sacrifício de louvor,
E invocarei o nome do Senhor.

Cumprirei meus votos para com o Senhor,
na presença de todo o seu povo (Salmo 115).



4. Perguntas para olhar a vida com novos olhos

Onde posso encontrar crentes que celebram a vida e renovam a esperança de que o Reino de Deus é uma experiência real?

Já presenciei uma situação de traição? Já vi alguém oferecer perdão incondicional? Como me senti nesses momentos?



5. Aplicação pastoral

A Páscoa era a festa mais importante do judaísmo, pois comemorava a libertação do Egito (Deuteronômio 16:1) e a travessia do Mar Vermelho (Êxodo 12:1-14). Com a Páscoa, Israel buscava manter viva sua identidade, uma identidade fundada na Aliança feita no Monte Sinai. Um aspecto importante da Páscoa era o sacrifício do cordeiro, que podia ser realizado em casa, em família, ou no Templo, em uma atmosfera solene.

Em casa, a família, às vezes com os vizinhos, reunia-se para sacrificar um cordeiro macho de um ano, sem defeito; recolhiam o sangue para a oferta, assavam e comiam a carne. Dessa forma, comemoravam a presença de Deus na última noite de sua escravidão no Egito (Êxodo 12:1-14; Deuteronômio 16:1-8). Essa refeição da Páscoa era seguida pela Festa dos Pães Ázimos (Levítico 23:5-8), que comemorava as primeiras colheitas na Terra Prometida, especialmente de cevada, da qual se fazia o primeiro fermento para fermentar o pão (Êxodo 12:15-20; Números 28:16-17).
25) O pão ázimo que foi comido naquela noite, juntamente com o cordeiro, simbolizava um antegosto da promessa de Deus de estabelecer o seu Reino universal.

No Templo, outro rito era realizado, presidido por um sacerdote. Auxiliares sacrificavam novilhos e recolhiam parte do sangue (o restante era queimado no altar, enquanto as Escrituras eram lidas e salmos cantados). O sacerdote então aspergia o sangue sobre os presentes, proclamando: “Este é o sangue da Aliança que Deus faz conosco”. Este rito celebrava a identidade do Povo de Deus, nascido com a Aliança.

Na época de Jesus, a Páscoa havia se tornado puro ritualismo, uma adoração vazia.
Já não era um sinal do compromisso do povo com Deus. Essa situação já havia sido denunciada pelos profetas, que exortavam a não separar a oferta externa de uma vida coerente (Is 1:10-16; Os 6:6; Mq 6:5-8; Jr 31:31-34). Jesus, assim como os profetas, rejeitou a adoração vazia, o cumprimento externo das leis.

Na Última Ceia, Jesus dá aos seus discípulos o sinal da Nova Aliança.
Jesus já havia usado as refeições como oportunidades de ensino. De fato, as refeições de Jesus sempre foram controversas: às vezes porque não estavam de acordo com os costumes judaicos (Marcos 7:2-5; Mateus 12:21; João 18:28); outras vezes porque ele compartilhava a mesa com pessoas indesejáveis (Marcos 2:16; Lucas 15:2); e ainda outras vezes porque ele não jejuava nos dias prescritos (Marcos 2:17-18). Seus inimigos o acusavam de ser glutão e beberrão (Mateus 11:18-19).

Jesus rompeu com o sistema religioso judaico e deu-lhe um novo sentido de solidariedade com os convidados do jantar, especialmente os desprezados (Lc 14:13-14, 21).

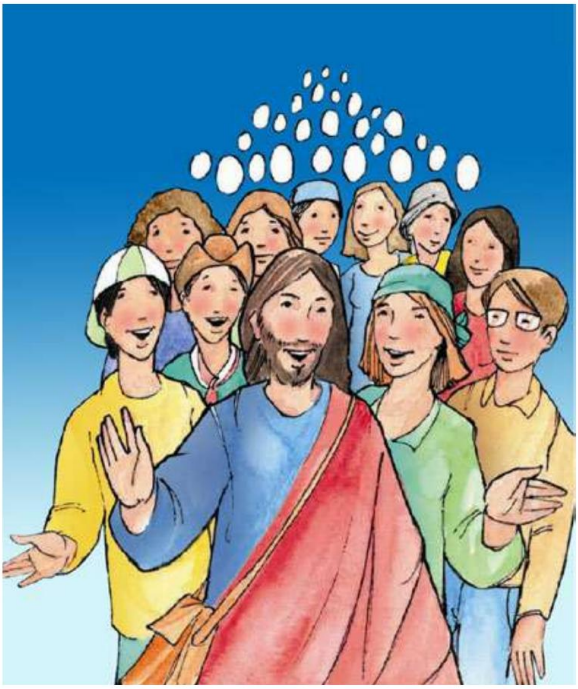
Por isso, a sua Última Ceia assume um novo significado: sacramento da Nova Aliança em comunhão com Jesus e com a sua vida partilhada com amor e solidariedade.

No pão e no vinho da Eucaristia, Jesus Cristo está presente como um dom que nos convida a viver em comunidade, entregando nossas próprias vidas em benefício dos outros. A Eucaristia é um gesto de esperança: um cálice que um dia se transformará em vinho para ser bebido no Reino. Ao participarmos da comunhão, temos a certeza de que Aquele que deu a vida por nós também dá sentido às nossas ações.

Tema 6

JESUS RESSUSCITOU E FIQUE CONOSCO

Introdução



Jesus é o Filho de Deus, e a partir dessa certeza afirmamos que o Pai o ressuscitou dos mortos porque o amou e aprovou sua fidelidade à missão que lhe foi confiada: proclamar o Reino de Deus, até o ponto de dar a própria vida. Devemos lembrar que o Ressuscitado é o Crucificado, e ele nos chama a considerar o valor de sua vida, missão e morte, para compreendermos o poder salvador de sua morte na cruz.

A ressurreição de Jesus revela-nos a nossa própria vocação humana: caminhar rumo à comunhão com Deus e com os nossos irmãos e irmãs. Mas revela-nos também o valor salvífico do compromisso com a missão, o serviço e até mesmo a oferta da própria vida, por amor ao Reino.

Marcos transmite-nos esta certeza fundamental da nossa fé. Ele faz isso pensando nos seus irmãos que viviam um tempo de martírio, procurando fortalecer a sua esperança e resiliência perante a perseguição. O seu Evangelho chega-nos para iluminar a nossa realidade de crucificação, para fortalecer a nossa resiliência e para encorajar a nossa missão.



1. Leitura: Marcos 16:1-8

Depois do sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram especiarias para ungir o corpo. No primeiro dia da semana, logo após o nascer do sol, foram ao túmulo e perguntaram umas às outras: “Quem removerá a pedra da entrada do túmulo?” Mas, quando olharam, viram que a pedra, que era muito grande, já havia sido removida. Ao entrarem no túmulo, viram um jovem vestido com uma túnica branca, sentado à direita, e ficaram assustadas. Mas ele lhes disse: “Não tenham medo! Vocês estão procurando Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Ele ressuscitou! Vejam o lugar onde o colocaram. Vão, então, e digam aos discípulos dele, principalmente a Pedro, que ele está indo adiante de vocês para a Galileia. Lá vocês o verão, como ele lhes disse”. As mulheres saíram apressadas do túmulo, com medo e espanto, e não disseram nada a ninguém por causa do temor.

Explique com suas próprias palavras o que você entendeu do texto.

Por que as mulheres estavam assustadas e em silêncio ?

Uma pista para melhor compreender o texto…

Jesus morre rejeitado e abandonado. Apenas um romano o reconhece como o Filho de Deus. Seus discípulos desaparecem. As mulheres — Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e José, e Salomé — observam de longe. José de Arimateia, membro do Sinédrio, que aguardava o Reino de Deus, ousa pedir a Pilatos o corpo de Jesus para sepultá-lo antes do início do sábado.

Logo no primeiro dia da semana, as mulheres tomam a iniciativa de comprar óleos para ungir o corpo e ir ao túmulo. É uma empreitada bem planejada, motivada por nobres intenções, mas com uma triste certeza: a aventura que começou na Galileia chegou ao fim; Jesus está morto. Ao se aproximarem do local onde Jesus foi sepultado, percebem que uma grande pedra cobre a entrada do túmulo. Por que não pensaram em trazer homens para removê-la? Este é um recurso que Marcos utiliza para mostrar que o que se segue transcende a lógica humana. A grande pedra foi movida por uma força extraordinária.

Após o choque inicial, eles entram no túmulo e veem um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficam ainda mais assustados. O jovem lhes diz que Jesus de Nazaré, o crucificado, ressuscitou e não está mais ali. Eles não têm nada a ver com aquilo, pois a morte não é o fim da história. Nem a ressurreição. Não há fim, apenas um novo começo! A mensagem não é que Jesus não esteja mais lá, mas que eles devem dizer aos discípulos que Jesus está a caminho da Galileia, e lá eles o encontrarão.

A jornada de Jesus não terminou. Para encontrá-lo, precisamos refazer nossos passos e retornar à Galileia. Mas as mulheres "saíram correndo do túmulo. Estavam assustadas e admiradas, e não disseram nada a ninguém por causa do medo".

O Evangelho de Marcos originalmente terminava em 16:8. Mas isso dava a impressão de que algo estava faltando, de que a história estava incompleta. A mensagem dada às mulheres não havia sido dada aos discípulos. Portanto, os versículos seguintes (9-20) foram acrescentados no segundo século para corrigir essa lacuna.

A ação de Deus transcende o planejamento humano. Diante da obra de Deus, o pessimismo é inútil. Aqueles que se consideravam vitoriosos devem reconsiderar e reconhecer que não criam a vida e a história. Portanto, o verdadeiro final do Evangelho significa um “retorno à Galileia, refazer o caminho do mal-entendido, descartar a experiência da derrota e recomeçar”.



2. Meditação pessoal

Reconheço que para viver preciso morrer. Sou corpo e sou espírito; Deus me criou fisicamente e me concedeu um espírito que me anima neste mundo para que eu possa cumprir a missão que Ele me confiou.

Sinto que, na morte, poderia sucumbir ao medo diante da incerteza. Não sei o que existe além desta vida. Sou sustentado apenas pela fé e pela esperança de que o Reino de Deus é real e a vida eterna é uma promessa de Deus que se cumprirá.

Humildemente reconheço que isso ultrapassa minha compreensão humana, que às vezes gostaria de esquecer esses mistérios. Que minha racionalidade se sobrepõe à minha convicção de fé. Tenho medo como as mulheres, mas sei que devo trilhar o caminho de volta à "minha Galileia", pois somente lá encontrarei o Senhor da Vida.



3. Orando ando

Meu Deus, tu és o criador de tudo o que existe e tens poder sobre tudo.
Tu me criaste, tu nos criaste à tua imagem e semelhança, e nos deste dons para cumprir o plano e a missão que nos deste. Oro para que, quando eu for chamado à tua presença, eu tenha sido capaz de cumpri-la como esperaste. Agradeço-te por nos teres enviado o teu Filho Jesus Cristo, "porque amaste tanto o mundo" que o deste como o grande Salvador para nos redimir, para triunfar sobre a morte como consequência do pecado e para nos dar a vida eterna, abrindo-nos as portas do teu Reino. Obrigado, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, por continuares a nos amar.



4. Perguntas para olhar a vida com novos olhos

Onde e em quem encontro sinais da ressurreição do Senhor?
Senhor, ficou claro?

Em que ou em quem me encontro com medo, paralisado?
Será que duvido do amor de Deus?

Qual foi a minha reação a isso?



5. Aplicação pastoral

Os primeiros cristãos tiveram conflitos com aqueles que mataram o Mestre (Atos 4-6). Logo sofreram o mesmo destino (Atos 8:1-3; 9:1-2, 13). Em todo o Império Romano, tiveram que confrontar pessoas que os odiavam: judeus, romanos e gregos os perseguiam porque acreditavam que sua fé ameaçava a ordem social. O próprio Paulo sofreu perseguição, prisão e tortura (Atos 16:16-22; 17:4-8, 13; 18:5-16).

Em 64 d.C., um incêndio irrompeu em Roma, e os cristãos, cuja imagem já estava manchada, foram culpados. Assim começou uma perseguição implacável. A única maneira de deter o assédio era renunciar à sua fé e adorar os deuses romanos. Muitos foram mortos, outros renunciaram à sua fé e outros ainda se dispersaram. Ser cristão significava ser condenado à morte.

Por sua vez, os judeus semearam dúvidas e crises, alegando que Jesus não era o Messias, visto que o Antigo Testamento afirmava que qualquer pessoa condenada à morte era amaldiçoada aos olhos de Deus (Deuteronômio 21:23). A cruz tornou-se um obstáculo à fé em Jesus, causando desânimo; muitos se perguntavam: "Qual o sentido de ser fiel em meio a tanto ódio, perseguição e morte? Como podemos compreender Jesus em meio a tantas derrotas? Como podemos seguir Jesus, a quem nunca encontramos pessoalmente?". Alguns começaram a viver uma rotina, demonstrando sua fé apenas em reuniões, enquanto a escondiam no dia a dia. A fé tornou-se mera palavra... Assim, rejeitaram a própria cruz e também a de Jesus.

Marcos quer mostrar que o martírio de Jesus não é uma derrota, mas um triunfo que o revela verdadeiramente como o Filho de Deus. A ressurreição é a ação de Deus contra aqueles que causaram a sua morte. É o "sim" de Deus a Jesus, a testemunha fiel. Portanto, o martírio dos seus irmãos, pela sua fidelidade a Cristo, não foi uma derrota, mas a identificação definitiva com o Senhor.

Por isso, Marcos começa com uma afirmação radical: Jesus é o Messias, o Filho de Deus (1:1). Em seguida, ao longo do livro, vemos sua jornada da Galileia a Jerusalém, onde ele se revela gradualmente, não pela força ou violência, mas pelo serviço e abnegação, apesar da rejeição e da incompreensão.
Mas, ao longo do caminho, nem suas palavras nem seus atos foram totalmente compreendidos. As pessoas o viam como um curandeiro, um guerreiro, um sábio. Nem mesmo seus discípulos o compreendiam completamente (8:27-33). Era difícil aceitar que ele fosse um Messias servo. O fim de sua jornada foi a cruz. Somente ali um romano o reconheceu: “Verdadeiramente este era o Filho de Deus” (15:39). O martírio foi o momento culminante da revelação de sua identidade.

Por que tanta ênfase na morte de Jesus e tão pouca em sua ressurreição? A resposta é: Marcos escreve para aqueles que foram crucificados! Portanto, ele está interessado em apresentar a morte como um triunfo. Mais do que na ressurreição, os cristãos devem encontrar esperança e força na cruz do martírio. Isso é especialmente verdadeiro considerando que, em Marcos, o relato da ressurreição é apresentado não tanto como um testemunho de ter visto e ouvido o Ressuscitado, mas como um convite para retornar à Galileia, para refazer o caminho que ele percorreu. Somente assim eles poderão se reunir com o Mestre.

Ora, se Jesus Cristo não ressuscitou, que Boas Novas podem ser comunicadas? Nossa fé seria vazia; não haveria esperança para oferecer à humanidade.
Somente a ressurreição dá sentido à nossa cruz, à nossa fé, à nossa missão.